

RUBENS DE MENDONÇA: DOIS OLHARES SOBRE CUIABÁ

Gabriel Francisco de Mattos¹

INTRODUÇÃO

Artigo da *Folha de São Paulo* informa que a empresa Carteiro Amigo faz entrega de correspondências em casas “sem rua”, na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. O Sistema emprega moradores da própria comunidade e “(...) Uma descrição de uma rua da favela seria, por exemplo, a seguinte lista: ‘casa, casa, comércio, prédio, muro’”. (FRANCO, 2014)

Pode parecer estranho que as referências de uma certa região urbanizada (e ocupada) ainda precisem de apoios apenas inteligíveis aos seus ocupantes. A falta de um código de utilização universal nessas áreas introduz reflexões bastante pertinentes neste início de século XXI. Afinal de contas, já não estávamos nos acostumando ao designativo de *aldeia global*? Os processos de informação via satélite, com observação segura, traduzíveis via GPS ou Google Earth, não haviam devassado e organizado o mundo?

No verdade, o sistema cartesiano de organização do espaço urbano, que levou à “lógica” planta em tabuleiro-de-xadrez (desde a Grécia Clássica!), e um sistema numérico para denominação das vias, teve seu apogeu no início do século passado. A ocupação simbólica de uma região, e sua apropriação por uma comunidade, levou a um sistema fechado, apenas acessível àquele grupo, que só depois passou a aberto para um complexo maior, aí gerando nomenclaturas mais acessíveis. Mas, sempre guardando a memória afetiva daqueles pioneiros.

É justamente essa memória afetiva que dá às cidades suas particularidades, que dá a elas uma “alma” que vai ser captada pelas pessoas sensíveis, principalmente os poetas e outros artistas.

¹ Arquiteto (UFRJ, 1994), professor universitário, Mestre em educação, escritor e membro do IHGMT.

Neste ano do centenário do escritor Rubens de Mendonça (1915-1983), é oportuno resgatar dois de seus livros que vão atrás da alma de sua cidade natal, a quase tricentenária Cuiabá. Para uma análise dos mesmos, utilizarei textos sobre práticas do espaço de autoria do historiador francês Michel de Certeau (1925 - 1986).

Os livros de Rubens de Mendonça a serem analisados são:

- *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*, publicado pela primeira vez em 1952 e várias vezes reeditado; e
- *Ruas de Cuiabá*, publicado em 1969, durante os festejos dos 250 anos da capital de Mato Grosso.

Os dois livros foram republicados recentemente e se encontram acessíveis ao public, além de sê-lo pelo *site* [www//bibliotecapublica.br.gov.br](http://www/bibliotecapublica.br.gov.br), sob o format digital. O *Roteiro* ganhou uma bela edição em 1975, com prefácio de Luís da Câmara Cascudo, que ainda está circulando; o outro título estava sumido há algum tempo.

Para analisá-los utilizarei *A Invenção do Cotidiano*, do historiador Michel de Certeau, que também se dedicou ao estudo das ciências sociais, psicanálise e filosofia. O livro tem a sua terceira parte dedicada a *Práticas do Espaço*, com três capítulos: *Caminhadas pela cidade*, *Naval e carcerário* e *Relatos de espaço*. O segundo deles é dedicado a análise de uma viagem de trem, e não nos remeteremos a ele (o trem não deve passar por Cuiabá mesmo...). O primeiro, *Caminhadas pela cidade*, é o que mais nos leva aos citados livros de Rubens de Mendonça; deste capítulo trabalharei as aplicações de *nomes* e *símbolos*. Do ultimo trabalharei os conceitos de *lugar* e *espaço*.

CAMINHANDO COM RUBENS DE MENDONÇA

O *Roteiro*, como o nome mesmo diz, tem uma estrutura de caminhada pela cidade de Cuiabá, pelo menos em sua primeira parte, que ocupa dois terços do livro. O terço restante é dedicado a Festas Populares, Mitos & Lendas, Cozinha regional e, bem ao espírito da época, uma conclusão sobre a chegada do Turismo à cidade.

A estrutura do primeiro terço é a de caminhar por bairros ou regiões, começando pelo antigo Rocio, e chegando ao, então distante, bairro do Coxipó.

Rua de Cuiabá se estrutura como um guia que enumera as ruas da cidade por ordem alfabética. É uma produção típica das comemorações dos 250 anos da cidade, que inclusive traz citações do outro livro que analisaremos.

Os dois livros começam pela ata de fundação da cidade, em 1719. E se o *Roteiro* propõe um caminhar *flaneur* pela antiga Vila Real, o

outro livro é mais um guia de referência, lembrando que a cidade teve marcações que remetem ao alvorecer de sua história.

Ou, já utilizando Michel de Certeau:

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. (CERTEAU, 1998: 176)

Já nesse ponto o autor francês definiu a cidade como “uma organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), [que] faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não-pensado de uma tecnologia científica e política.” (idem: 173-174) Essa condição tecnológica barra o improvável, o que está no caminho do progresso constante, condição da modernidade.

Para enfrentar essa cidade-conceito, Certeau procura “A fala dos passos perdidos”, as enunciações pedestres, os passeios ao léu, o simples caminhar não funcional, que

Cria assim algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da “língua” espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles. Vota certos lugares à inércia ou ao desaparecimento e, com outros, compõe “torneios” espaciais “raros”, “acidentais” ou ilegítimos. Mas isso já introduz a uma retórica da caminhada. (idem: 178)

É essa *retórica da caminhada* que recria o lugar, fugindo do simples conceito/trabalho de engenharia (trânsito, calçadas, nomenclatura) e melhorias urbanas. Leva, então, a uma similitude entre discurso e sonho, este último no sentido freudiano.

Deste ponto de vista, depois de ter aproximado das formações linguísticas os processos caminhatórios, pode-se rebatê-los para o plano das figurações oníricas, ou ao menos descobrir nessa outra face aquilo que numa prática do espaço é indissociável do lugar sonhado. Caminhar é ter falta de lugar. (idem: 183)

Nesse sentido, os nomes próprios das ruas “articulam uma frase que seus pés constroem sem que saiba” (idem: 184).

E aí se instalam três relações entre práticas espaciais e práticas significantes: o crível, o memorável e o primitivo. E é aqui que o trabalho de Rubens de Mendonça se instala, pois do jogo dessas três

relações é que se instaura a briga entre uma ordem superior e uma defesa do “histórico e sentimental”.

No fundo, os nomes próprios já são “autoridades locais” ou “superstições”. Por isso, costumam ser substituídos por números: não mais *Opera* mas 073; não mais *Calvados*, mas 14. O mesmo se dá com os relatos e as lendas que povoam o espaço urbano como habitantes de mais ou a mais. São o objeto de uma caça às bruxas, somente pela lógica da tecnoestrutura. Mas esse extermínio (como o das árvores, dos bosques e dos cantos onde vivem essas lendas), faz da cidade uma “simbólica em sofrimento”. Existe anulação da cidade habitável. (idem: 187)

É nessa luta que os livros de Rubens de Mendonça se inserem, e, como descrevi em outro artigo (MATTOS, 2014), após os 250 anos, Cuiabá sofre um verdadeiro bombardeio em relação à sua história, uma briga de modernização a todo custo e manutenção de lembranças que dão sentido a história local.

É nesse ponto que é sempre interessante resgatar Rubens de Mendonça, e mesmo outros autores, como Silva Freire, Moacyr Freitas, Anibal Alencastro. Que nos lembram que

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (idem, 189)

Ou como colocado pelo editor, na Introdução de *Ruas de Cuiabá*:

Existe um baú de memórias enterrado em cada esquina de Cuiabá, Cada placa de rua desta cidade lembra pessoas que fizeram a história deste Estado. São como espíritos que se revolvem nas ruas e becos da antiga Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá querendo mandar seus testemunhos a alguém em sinal de provocação e de se fazerem reconhecidos por seus feitos. (MENDONÇA, 2012b: s/ numeração)

Não é atoa que Rubens de Mendonça vai não só na história, mas também na literatura. Se seu *Roteiro Histórico e Sentimental* cita oito poemas de autores locais (e outros sete na parte de Mitos & Lendas), no livro dedicado às ruas, que deveria ser mais “técnico”, aparecem dezenove deles, cinco apenas para a Praça da República.

RELATANDO O ESPAÇO COM RUBENS DE MENDONÇA

O capítulo IX do livro francês, *Relatos de espaço*, trabalha, utilizando uma linha muito comum no pensamento daquele país, o espaço pelo viés das estruturas narrativas, tratando a questão da sintaxe espacial. “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”. (CERTEAU, 1998: 200)

Entre os vários estudos que trabalham nessa conexão (semântica do espaço, psicolinguística da percepção, etc.) o autor escolhe o sistema de considerar o que chama de *ações narrativas*, privilegiando a atividade humana sobre a simples “descoberta” de códigos de ordem espacial. É uma forma de valorizar as ações físicas e estéticas sobre dado espaço, daí uma ligação com Rubens de Mendonça e a busca dos vestígios de histórias (não mais *lendas?*) espalhados pela cidade.

Passa então às definições de espaço e lugar.

(...) Um lugar é uma ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (idem:201)

É o elemento “frio”, inerte, que precisa ser acessado, ocupado, e então,

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. (...). O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. (...)

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido

pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito. (idem: 202)

Toda a oposição entre lugar e espaço resulta então do que se chama de *apropriação* do mesmo, seja no nível pessoal, seja no mais amplo do aspecto histórico ou mítico.

Num exame das práticas do dia-a-dia que articulam essa experiência, a oposição entre “lugar” e “espaço” há de remeter sobretudo, nos relatos, a duas espécies de determinações: uma, por objetos que seriam no fim das contas reduzíveis ao *estar-aí* de um morto, lei de um “lugar” (da pedra ao cadáver, um corpo inerte parece sempre, no Ocidente, fundar um lugar e dele fazer a figura de um túmulo): a outra, por *operações* que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações de *sujeitos* históricos (parece que um ‘movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa à uma história). Entre essas duas determinações, existem passagens, como o assassinato (ou a transformação em-paisagem) dos heróis transgressores de fronteiras e que, culpados de terem atentado contra a lei do lugar, restauram-no por seu: túmulo: ou então, ao contrário, o despertar dos objetos inertes (uma mesa, uma floresta, uma personagem do ambiente) que, saindo de sua estabilidade, mudam o lugar onde jaziam na estranheza do seu próprio espaço. (idem: 202-203)

Estão aí os caídos, os mortos; o Cemitério do Cai-Cai explicado por Rubens de Mendonça: “(...) Nesse cemitério, se encontram sepultadas as vítimas da varíola de 1867. No dia 8 de agosto de 1867, realizou-se a benção desse Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, mas que o povo deu o apelido de Cai-Cai.(...)” (MENDONÇA, 1975: 77)

O *Roteiro Histórico e Sentimental* é um passeio pelos *Espaços* da cidade.

E então, o autor (re)define *mapas* e *percursos*.

Numa análise muito precisa de apartamentos em Nova Iorque pelos ocupantes, C. Linde e W. Labov reconhecem dois tipos distintos que designam, um como “mapa” (*map*) e o outro como “percurso” (*tour*). O primeiro segue o modelo: “Ao lado da cozinha fica o quarto das meninas”. O segundo: “Você dobra à direita e entra na sala de estar”.(...)

Essas descrições na grande maioria se fazem em termos de *operações* e mostram “como entrar em cada cômodo”. A propósito

desse segundo tipo, os autores precisam que um circuito ou um “percurso” é um *speech act* (um ato de enunciação) que “fornece uma série mínima de caminhos pelos quais se pode entrar em cada cômodo”; e que o “caminho” (*path*) é uma série de unidades que têm a forma de vetores seja “estáticos” (“à direita”, “à sua frente” etc.) seja “móveis” (“se você dobrar à esquerda” etc.).

Noutras palavras, a descrição oscila entre os termos de uma alternativa: ou *ver* (é um conhecimento da ordem dos lugares), ou *ir* (são ações espacializantes). Ou então apresentará um *quadro* (“existe”...), ou organizará *movimentos* (“você entra”, “você atravessa”, “você retoma”...). Entre essas duas hipóteses, as escolhas feitas pelos narradores nova-iorquinos privilegiam maciçamente a segunda. (CERTEAU, 1998:203-204)

E mais uma vez há o redescobrir, o recriar, a mistura, que os dois livros cuiabanos comportam. Não um frio descrever, mas um relacionar-se com histórias e fatos, afetando-os e recriando-os.

Nos relatos de apartamento ou de rua, as manipulações de espaço ou “percursos” levam a melhor. Na maioria das vezes, essa forma de descritores determina o estilo inteiro da narração. Quando intervém a outra forma, ela tem como valor ou ser *condicionada* ou *suposta* pela primeira. Exemplos de percursos condicionadores de um mapa: “Se você dobra à direita, então existe...” ou, fórmula semelhante: “se você segue sempre em frente, vai ver...” Nos dois casos, um fazer permite um ver. Mas há também casos em que um percurso supõe uma indicação de lugar: “Ali, onde há uma porta, você toma a seguinte” - um elemento de mapa é o postulado de um itinerário. O tecido narrativo onde predominam os descritores de itinerários é portanto pontuado de descritores do tipo mapa, que têm como função indicar ou um *efeito* obtido pelo percurso (“você vê...”), ou um *dado* que postula como seu limite (“há uma parede”), sua possibilidade (“há uma porta”) ou uma obrigação (“há um sentido único”) etc. A cadeia das operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que produz (uma representação de lugares) ou ao que implica (uma ordem local). Tem-se assim a estrutura do relato de viagem: histórias de caminhadas e gestas são marcadas pela “citação” dos lugares que daí resultam ou que as autorizam. (idem: 205)

Citação um tanto longa, mas que define justamente o *Roteiro Histórico e Sentimental* como esse imbricamento de mapa e percurso. Uma gesta? Vejamos um trecho sobre a Rua Barão de Melgaço:

Na primeira quadra nada existe para registrar, na segunda ficava o Colégio do Professor Isac Póvoas. Na quadra seguinte, naquele casarão que até há bem pouco era a Diretoria da CEMAT., na esquina da Rua Barão de Melgaço com a Travessa Voluntários da Pátria, residiu o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, quando criança em companhia de seus pais. Do outro lado da Travessa fica a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Nesse casarão que era de estilo colonial, residiu o Almirante Augusto João Manoel Leverger. Ali deu-se uma aventura amorosa ainda quando o Barão de Melgaço era apenas Tenente da Armada Nacional, aventura essa que prendeu o bravo marinheiro à terra cuiabana, a qual ele chamou de “terra agarrativa”.(...) (MENDONÇA, 1975: 69)

No meio do caminho tinha uma história. Mas não só os antigos residentes, mas também as marcas de um crime, como no trecho de *Ruas de Cuiabá*:

Na casa que faz esquina entre o beco Alto e a rua 7 de Setembro, perto da Ponte, onde residiu o Coronel João Gomes Monteiro, foi assassinado às 9,30 da noite de 19 de março de 1872, o Tenente Coronel, Laureano Xavier da Silva. Ao atravessar a ponte de madeira que ligava o Córrego da Prainha à sua residência foi alvejado de emboscada pelas costas, vindo a falecer às 4 horas da madrugada do dia 20. (MENDONÇA, 2012b: 80)

É um trabalho de busca de micro-relatos, que dão a dimensão polivalente do espaço, não só a dimensão legal una do Direito Romano.

Polivalente, enfim, porque a mistura de tantos micro-relatos lhes atribui funções que variam ao sabor dos grupos onde circulam. Essa polivalência não toca entretanto as origens relacionais da narratividade: o antigo ritual criador de campos de ações pode ser reconhecido em “cacos” de relatos plantados em torno dos limiares obscuros de nossas existências; esses fragmentos escondidos articulam inconscientemente a história “biográfica” cujo espaço fundamentam.(CERTEAU, 1998: 211)

E é justamente nesse estreito espaço entre o legal (necessário também nos relatos de Rubens de Mendonça, onde aparecem atas,

decretos e editais) e o mítico que esses dois livros retratam Cuiabá. Salientando Michel de Certeau que essa mitologia precede (e organiza) a organização tecnocrática da modernidade.

(...) Segundo as regras que lhes são próprias, “os juízos interlocutórios” dos magistrados trabalham na massa dos espaços heterogêneos já criados e fundamentados por uma inumerável narratividade oral feita de histórias familiares ou locais, de “gestos” costumeiros ou profissionais, de “recitações” de caminhos e paisagens. Esses teatros de operações, eles não os criam; articulam-nos e manipulam-nos. Supõe as autoridades narrativas que os magistrados “ouvem”, confrontam e hierarquizam. Antes do juízo regulador, vem o relato fundante. (idem: 212)

Na verdade as lendas, os “causos” fazem a ligação entre o transeunte, o *flaneur*, e o espaço percorrido. Mas equilíbrio dinâmico, aberto a metamorfoses, espaço pessoal ou personalizado/personalizável.

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é “diégese”, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (“guia”) e passa através (“transgride”). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é *topológico*, relativo às deformações de figuras, e não *tópico*, definidor de lugares. O limite aí só circunscreve a modo de ambivalência. Ele mesmo, um jogo duplo. Faz o contrário daquilo que diz. Entrega o lugar ao estranho que na aparência lança fora. Ou então, quando marca uma parada, não é estável, segue antes as variações dos encontros entre programas. As demarcações são limites transportáveis e transportes de limites, eles também “*metaphorai*”. (idem: 215)

Não é preciso trazer a discussão tão fértil (e inconclusa) da História sobre se a narração precede a ação ou vice-versa. Vivemos e narramos, ou narramos para registrar e também para preparar a ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, podemos considerar que a visão de espaço praticada por Michel de Certeau explica a visão de Cuiabá, pelo menos nos livros citados, de Rubens de Mendonça. Já destaquei (MATTOS, 2014) que os livros sobre nossa cidade podem variar entre passeios, reminiscências, levantamento de acervos iconográficos e estudos mais técnicos. Isso deve valer para a maioria das cidades, como o caso de Campo Grande no estudo de Oliveira Neto (1999), para estudos técnicos; ou o histórico *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira.

Essa visão de captar a alma da cidade, tanto no francês quanto no cuiabano, me lembra, para concluir, um trabalho que desenvolvemos, junto com Wander Antunes e Ivens Scaff, para a revista do Gonçalinho, por ocasião dos 274 anos de Cuiabá. Na história (dedicada a Dunga Rodrigues e Lenine Póvoas), o personagem Paschoal Moreira, um senhor de idade que curte a vida, chama a turma do Gonçalinho para *Um passeio pela city*, e explica que, a partir de certo momento, Cuiabá adquire uma *alma*, e é isso que a transforma numa cidade, uma referência, ou, aquilo que explica Certeau: “O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar” (p. 190).

Boa caminhada!



Foto 1: Paschoal Moreira explica à Turma do Gonçalinho o que é a Alma da Cidade
(In: ANTUNES, SCAFF, MATTOS, 1993, p. 6)

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Anibal. *Cuiabá - Histórias, Crônicas e lendas*. São Paulo, Yangraf, 2003.
- ANTUNES, Wander; SCAFF, Ivens Cuiabano; MATTOS, Gabriel Francisco de. Um passeio pela city. *Revista do Gonçalvesinho – Aniversário de Cuiabá*, Cuiabá, UFMT, 1993.
- BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 3ª Ed., 1998.
- CONTE, Claudio Quoos; DE LAMONICA FREIRE, Marcus Vinicius. *Centro Histórico de Cuiabá – Patrimônio do Brasil*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.
- DE LAMONICA FREIRE, Júlio. *Por uma poética popular da Arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- DOSSE, François. *Renascimento do Acontecimento – Um desafio ao historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo, Unesp, 2013.
- FRANCO, Luiza. Firma do Rio faz entrega em casa “sem rua”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16/11/2014; <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1548927-firma-do-rio-faz-entrega-em-casa-sem-rua.shtml> captado em 02/12/2014.
- FREITAS, Moacyr:... *e o tempo passou!*; s/ ed., Cuiabá, 1995.
- HARTOG, F. R. *A escrita da História – a natureza da representação histórica*. Londrina, Eduel, 2012.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso – Século XX*. Cuiabá, Unicen Publicações, 2001 (Coleção Tibanaré, Vol. 1).
- MATTOS, Gabriel (Francisco) de. Definindo áreas e escolhendo escalas: Esboço de uma Cartografia da Arquitetura de quase 300 anos de Cuiabá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. vol. 74, pp. 103-124. Cuiabá: IHGMT., 2014.
- MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário biográfico mato-grossense*. Goiania, Rio Bonito, 1971.
- MENDONÇA, Rubens de. *Igrejas & Sobrados da Cuiabá* Cuiabá, 1978. (Cadernos Cuiabanos Nº 3)
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*: Ed. Igreja, Cuiabá, 1975;

- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: SEC-MT, Integrar, Defanti, 2012a.
- MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Cuiabá, SEC-MT, Integrar, Defanti, 2012b.
- MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá, s/ ed., 1994.
- OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. *Nas ruas da cidade – um estudo geográfico sobre as ruas e calçadas de Campo Grande, MS*. Campo Grande, EdUFMS, 1999.
- PÓVOAS, Lenine. *Sobrados e Casas Senhoriais de Cuiabá*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980.
- RICOEUR, Paul. *La memória, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.
- RODRIGUES, Dunga. *Roteiro de Lendas*. Cuiabá: EdUFMT, 1984.
- ROMANCINI, Sonia Regina. *Cuiabá: paisagens e espaços da memória*. Cuiabá, Cathedral Publicações, 2005. (Coleção Tibanaré, Vol. 6).
- SILVA FREIRE, B. S. *Presença na ausência do tempo* Cuiabá, Ed. UFMT, 1991. ((Trilogia Cuiabana 1).
- SILVA FREIRE, B. S. *Na moldura da lembrança*. Cuiabá, Ed. UFMT, 1991. (Trilogia Cuiabana 2).
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et al. (Org.). *Cuiabá: De vila a metrópole nascente*. Cuiabá, Entrelinhas, 2006.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.